

CONTO E RECONTO: APROPRIAÇÃO DE UM GÊNERO

Jefferson Cavalcante Leite (UFRPE/UAG)

jeffersoncl@gmail.com

Aline Rafaela Lima e Silva (UFRPE/UAG)

alyne_rafaella@yahoo.com.br

Introdução

A escrita é uma das ferramentas mais importantes para a linguagem, tendo em vista que é a partir da mesma que a interação na sociedade na qual estamos inseridos ocorre em excelência. A necessidade de registrar os acontecimentos do cotidiano instituiu um meio de comunicação indispensável a toda a humanidade, uma vez que o mesmo propicia uma relação de várias gerações acerca dos acontecimentos e fatos históricos que seriam perdidos na ausência de formas escritas que os documentassem. Cotidianamente temos a carência de dominar o sistema de escrita, podendo através do mesmo expressar ideias e sentimentos, interagir, expor novas ideias sobre um determinado assunto, dentre outras.

As teorias de alfabetização e letramento têm tido enfoque bastante significativo entre os pesquisadores nos dias de hoje, tendo em vista a grande necessidade de uma real inserção do indivíduo na sociedade, de modo que a esse não basta apenas mais saber escrever ler e escrever seu nome. Para que essa inserção ocorra de fato entende-se que o sujeito precisa saber o que se escreve, para que se escreve e para quem se escreve, qual a finalidade e funcionalidade de seus textos, tornando tal exercício, uma prática significativa para aquele que o faz. O problema da repetência, visto antigamente pela falta de habilidades de leitura e escrita, dá lugar a um sistema de ciclos que aprova o aluno sem que ele tenha se apropriado das habilidades necessárias para ler e escrever e consiga utilizar a leitura e a escrita nas mais diversas práticas sociais (cf. SOARES, 2003).

Desta feita, o que se vê são inúmeros indivíduos que, ao concluírem a educação básica, são incapazes de usar a leitura e a escrita para finalidades corriqueiras; esses sujeitos passam a ser considerados analfabetos funcionais, status em que o sujeito sabe ler e escrever, no entanto não estão assegurados à utilização de exercícios de leitura e escrita, essenciais para o exercício da cidadania.

Por esse crivo, é possível constatar inúmeros cidadãos que, embora sejam analfabetos, sabem fazer uso de forma adequada de algumas ferramentas da leitura e escrita em “muitas” situações cotidianas, como a escrita de cartas, leitura de jornais, entre outros e assim como encontramos indivíduos com algum grau de letramento, mas que ainda não se apropriaram do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) , também nos deparamos com cidadãos alfabetizados, que apenas dominam o SEA, mas não conseguem, em algumas situações sociais, fazer uso da leitura e da escrita.

Partindo desse pressuposto de que as avaliações em larga escala, como Provinha Brasil, SAEB e SAEP, por exemplo, apontam grande número de alunos que saem do sistema de ensino sem ao menos conseguir ler ou escrever um texto simples. É

a partir de tais considerações que surge a questão: como garantir às crianças o acesso às práticas sociais de leitura e escrita? Destacamos a importância de se fazer um estudo sobre como conduzir o educador em sua prática pedagógica no ensino de produção textual. Para tanto, o docente não deve apenas incentivar o estudante a conhecer os diferentes usos e funções da escrita; defendemos que é preciso levar o educando a conhecer e dominar as características composicionais e sociodiscursivas de alguns gêneros que circulam na sociedade. Portanto, é preciso que as crianças reconheçam os usos e funções sociais da escrita.

Desse modo é preciso repensar novas propostas curriculares para as séries iniciais do Ensino Fundamental, a fim de sanar ou ao menos diminuir tais déficits no processo de aquisição da língua escrita. Queremos a partir desse crivo, enfatizar o uso de sequências didáticas como alternativas que tendam a desafiar os educandos no que se refere a seus conhecimentos sobre a escrita. Desse modo, o trabalho aqui proposto tem como objetivo geral usar de alternativas para que os educandos possam ampliar seus conhecimentos no que se referem ao aprendizado sobre o sistema de escrita, bem como da linguagem que se usa para escrever, por meio de sequências didáticas e práticas de reflexão sobre o SEA, favorecendo o contato dos mesmos com o mundo letrado. Além da formação de indivíduos produtores de textos, para que dessa forma sejam capazes não apenas de codificar e decodificar a linguagem, mas também de fazer uso das ferramentas da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais. Para tanto, pretendemos nesse estudo investigar os conhecimentos dos educandos sobre o gênero conto no momento de suas produções.

1. O estudo dos gêneros

O estudo dos gêneros textuais não é recente, alguns estudiosos datam pelo menos vinte e cinco séculos de estudo quando consideram que sua observação sistemática teve início com Platão. Atualmente o que se tem é uma visão renovada do mesmo tema. Devido à abundância de fontes e perspectivas de análise tem-se uma dificuldade natural no tratamento desse tema visto que o estudo não se dá apenas nos últimos anos do século XX, assim não sendo possível realizar sequer um levantamento das perspectivas teóricas atuais.

Historicamente a expressão “gênero” está ligada aos gêneros literários, com sua análise iniciada com Platão e que permaneceu até o início do século XX. Atualmente não temos mais a ideia de gênero ligada somente à literatura como frisa Swales (1990 apud MARCUSCHI 2008 p.147) “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.” Assim pode-se usar a noção de gênero textual em áreas como a antropologia, etnografia, sociologia, retórica e a linguística.

Pode-se considerar que atualmente o estudo dos gêneros textuais está em alta, mas em perspectiva diferente da que emergiu até os primórdios do século XX, a expressão *gênero* vem sendo usada de maneira cada vez mais frequente e em várias áreas de investigação, tratando-se para Candlin, citado por Bhatia (1977 apud MARCUSCHI 2008 p.148) “um conceito que achou o seu tempo”.

Devido à diversidade de áreas e de estudiosos que estão se interessando pelo estudo de gêneros textuais como, por exemplo, teóricos da literatura, cientistas da

cognição, tradutores, analistas do discurso, professores de língua etc., é que o mesmo tem se tornado cada vez mais multidisciplinar, englobando assim uma análise do texto e do discurso em uma descrição da língua e visão da sociedade, além de enfatizar questões socioculturais no uso da língua de maneira geral. Nesse sentido Marcuschi (2008 p. 149) afirma:

O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miler (1984), podemos dizer que os gêneros são uma “*forma de ação social*”. Eles são um “*artefato cultural*” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade.

Nesse sentido destacamos o trabalho com gêneros também no contexto escolar, algo que emergiu em consonância com a ideia de que o sujeito para ser inserido na sociedade tem que saber mais que decodificar as palavras, e sim dar sentido aquilo que lê e tornar-se produtor de seus próprios textos, assim podendo interagir e comunicar-se em várias esferas da sociedade.

2. O trabalho com sequências didáticas

A sequência didática (SQ) consta de “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual, oral ou escrito” (Dolz e Schneuwly 1998 apud Marchuschi 2008). Logo, os gêneros são tidos como instrumentos que servem como mediadores da comunicação formal ou informal, necessariamente adequando-se ao contexto. O trabalho com SQ objetiva propiciar ao educando o aprendizado à realização de todas as etapas necessárias à produção textual de determinado gênero, além também de trabalhar a língua como conjunto de práticas sociais.

Sabendo-se que a sequência didática apresenta uma proposta sistemática e ordenada, Dolz e Schneuwly (1992 apud MARCUSCHI 2008, p. 213), afirmam os efeitos dessa sistematização:

Essa proposta apresenta a metodologia e os procedimentos para o ensino de gêneros. A proposta parte da ideia de que é possível e desejável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita e isso pode ser feito de maneira ordenada.

A proposta do trabalho com SQ consta de alguns procedimentos com caráter modular e levam em conta os quatro eixos da língua portuguesa, leitura, produção textual, oralidade e análise da língua. Portanto, o primeiro procedimento envolvido no modelo das sequências didáticas é a apresentação da situação, etapa na qual o professor decide que tipo de texto utilizar – oral ou escrito – determina o gênero a ser trabalhado, bem como faz um recorte acerca dos fins das produções realizadas pelas crianças, a fim de desenvolver tal atividade com as mesmas de forma significativa.

Segundo os autores, a sequência é aplicada em quatro fases: 1- Delimitação do gênero e de sua finalidade; é necessária, depois dessa delimitação, uma explanação

acerca do gênero a ser trabalhado, além da realização de pesquisas desenvolvidas pelos educandos a fim de que os mesmos tenham propriedade para construir suas produções. 2- a primeira produção textual, que poderá servir apenas como “rascunho” e passará pelas modificações necessárias até a produção final. 3- os módulos, na tentativa de solucionar os problemas iniciais da primeira produção e 4- a produção final.

A primeira produção tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os educandos quanto para o professor, momento no qual a criança encontrar-se-á com o gênero em sua forma escrita e assim realizará uma prática avaliativa formativa. “Essa etapa é crucial, pois representa a primeira atividade de produção em que o texto vai ser avaliado e revisto tantas vezes quantas necessárias e sucessivamente passando por módulos nos passos seguintes até chegar ao estágio final de elaboração” (MARCUSCHI, 2008, p. 215).

Após a primeira versão escrita, alguns “módulos” são planejados a fim de que as crianças desenvolvam suas habilidades e conhecimentos relativos ao gênero, sua esfera de circulação, marcas de início e fim, finalidade da produção, personagens, entre outras características do mesmo. A atividade de revisão objetiva identificar os possíveis problemas na produção primária, com o propósito de superar os erros oferecendo aos sujeitos subsídios relacionados à estrutura do gênero trabalhado.

A produção final é o momento no qual o professor pode fazer uma avaliação não de maneira formativa, mas num processo somatório os avanços dos educandos, a fim de que os mesmos obtenham um controle sobre sua própria aprendizagem, tendo ciência do que produzem, por que produzem e como produzem. Segundo Marcuschi (2008, p. 216), o educando:

Aprende a regular suas ações e suas formas de produção e seleção do gênero de acordo com a situação em que ele pode ser produzido. Essa avaliação deve levar em conta tanto os progressos do aluno como tudo o que lhe falta para chegar a uma produção efetiva de seu texto segundo o gênero pretendido.

O trabalho de análise linguística é parte da rotina da sequência didática, possibilitando aos educandos refletirem sobre os possíveis deslizos presentes em suas produções a fim de repará-los posteriormente. Vindo dessa forma, despertar nas crianças uma visão reflexiva sobre sua escrita, de modo que elas mesmas possam fazer uma auto-avaliação e identificar possíveis insucessos em sua produção. Em suma, o que se pode dizer é que as sequências didáticas visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas.

Cabe ao docente, analisar tais deslizos em parceria com o grupo quantas vezes forem necessárias, o que acarretará na apropriação das especificidades de cada gênero proposto, salientando que cada correção deve ser utilizada para re-explicar minuciosamente o que não ficou claro.

De acordo com Dolz (2004, p. 110), as finalidades gerais do processo de sequência didática são:

Preparar os alunos para dominar sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e de falar; desenvolver no aluno uma relação consciente e voluntária com seu comportamento de linguagem, favorecendo procedimentos de avaliação formativa e de auto-regulação; construir nos alunos uma representação da atividade de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração.

Deduz-se, portanto, que o trabalho com sequências didáticas propõe ao educador uma prática com gênero textual, não ocorrendo de forma pontual, mas sim de maneira sistemática, a fim de que haja de fato, por parte dos educandos, a apropriação do gênero trabalhado. Deve-se considerar o conceito de língua como interação, que compreende a escrita como prática social e reconhece que todo texto (oral ou escrito) realiza um propósito particular em uma situação específica. Isso fará com que o educando, a partir da mediação do educador, perceba que a escrita está presente em várias áreas da sociedade – em casa, no trabalho, e em tantos outros locais.

3. Produção textual mediada por sequência didática

O ensino da escrita, embora pareça uma tarefa muito simples, traz consigo uma complexidade bastante relevante no que condiz ao desafio no processo de aprendizado dos mais diversos gêneros discursivos. Nesse sentido, é importante que o professor aja como mediador desse saber, levando o sujeito a refletir acerca da linguagem que se usa para escrever, de acordo com as diferentes esferas de circulação dos textos na sociedade. Este estudo teve como objetivo analisar as possibilidades de ensinar a produzir textos, a partir do gênero conto através da vivência de uma sequência didática (cf. SCHNEUWLY E DOLZ, 1992 apud MARCUSCHI 2008 p. 212), com uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental.

Para Marcuschi os gêneros textuais são vistos como diferentes formas de linguagem que circulam socialmente, sendo definido como fonte primária de todo processo comunicativo. Quando falamos ou utilizamos do escrito é inevitável a utilização dos gêneros textuais. A comunicação verbal só é possível por algum gênero textual, isto é, não há interação humana sem a utilização desses gêneros.

Nesse sentido, torna-se essencial o trabalho com gêneros textuais dentro da escola, em sala de aula. Tal trabalho proporciona aos aprendizes um processo de aprendizagem eficaz e com sentido, no qual estabelece relações da vida real com o cotidiano escolar. “Os gêneros são tidos como instrumentos comunicativos que servem para realizar essas atividades formais e informais de maneira adequada” (MARCUSCHI, 2008, p. 214) possibilitando uma melhor atuação do aluno/ sujeito na sociedade. Ao trabalhar-se com gêneros das diversas esferas de circulação, o aluno

estará apto a participar efetivamente da vida social, seja no contexto profissional, acadêmico ou até mesmo em eventualidades da vida diária.

Para que este trabalho aconteça, deve-se salientar que ele não deve ocorrer de forma livre. É necessário sistematizá-lo, como já mencionado anteriormente. A proposta com gêneros vinculada à sequência didática formam um par perfeito para o desenvolvimento da aprendizagem, bem como, da apropriação de habilidades leitoras, necessárias ao convívio social e interpessoal dos aprendizes. Dolz e Schneuwly (1998) citado por Marcuschi (2008 p.213) definem a “sequência didática” como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Além disso, acrescenta que o objetivo de se trabalhar com sequências didáticas é o de oportunizar ao aluno vivenciar e realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero, e após sua construção inteirar-se de sua função perante as necessidades do próprio aluno e da sociedade.

Antigamente tinha-se a ideia de que o aluno que sabia ler com fluência e o fazia em voz alta para que todos pudessem ouvi-lo, o professor não se preocupava se o texto lido tinha sentido para quem estava lendo-o, em contrapartida atualmente a leitura em voz alta não é mais critério avaliativo, onde percebe-se que com a leitura silenciosa a criança pode além de codificar o texto, dar sentido ao mesmo e relê-lo sempre que necessário. Da mesma forma é o trabalho com a escrita, que anos atrás tinha-se a ideia de que o aluno que sabe escrever o faz de forma única, sem releitura e correções, visão errônea de boa parte dos educadores do século XX, pois ao sair do contexto escolar o aluno percebe que a reescrita é de fundamental importância, pois nela a criança pode perceber possíveis falhas e/ou desvios no que condiz à norma culta, aspectos coesivos e até mesmo concordância em seus textos. Portanto ao se trabalhar com sequências didáticas, seu caráter modular faz com que a criança tenha dentro do contexto escolar o exercício de sua criticidade com relação aos seus próprios textos podendo assim ler, reler, escrever e reescrever quantas vezes forem necessárias até a produção final, atentando para noções de coesão e coerência, ortografia, concordância, além das principais características do gênero que está sendo trabalhado no momento.

4. Metodologia

Neste projeto tivemos como finalidade trabalhar o gênero textual Conto através de uma sequência didática, levando em consideração o caráter modular da metodologia adotada, fizemos a leitura de contos sempre explicitando e explicando as características do gênero em questão, afim de que os educandos pudessem apropriar-se do mesmo e pudessem produzir seus próprios contos e analisa-los linguisticamente por intermédio de correções feitas pelos próprios autores.

O estudo foi realizado numa sala de 5º ano com 25 alunos, numa escola pública, localizada no município de Garanhuns, Pernambuco, por intermédio de uma pesquisa, desenvolvida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), com o objetivo de levar as crianças a refletirem sobre o uso da escrita em diversos contextos da sociedade.

Diversas atividades foram desenvolvidas com a utilização do gênero conto, levando em conta o que as crianças já sabiam sobre o mesmo com a finalidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o tema. Iniciamos as atividades com o 5º ano

aplicando uma avaliação diagnóstica com os estudantes de forma individual para perceber o nível de leitura e escrita em que cada um se encontrara, identificando possíveis dificuldades de cada um para que o trabalho pudesse ter uma maior eficácia no decorrer do seu andamento. Após essa avaliação recolhemos os dados e observamos uma melhor forma de trabalhar dentro da turma.

Entendido como um relato em prosa de fatos fictícios, no conto, há a presença de uma figura bondosa (o(a) mocinho(a) que sempre se dá bem no final da história) e de um vilão(ã) (que sempre se dá mal). Consta de três momentos perfeitamente diferenciados: um estado inicial, uma situação de conflito e a resolução desse conflito, retornando ao equilíbrio perdido da história.

Os contos escolhidos para o desenvolvimento do trabalho foram “Chapeuzinho amarelo”, “Festa no Céu” e “Quando um herói tomba em combate”, onde no primeiro temos um relato de uma história bastante conhecida pelas crianças, chapeuzinho vermelho, no segundo, temos um conto do folclore brasileiro e no terceiro um conto de aventura. Ao trabalharmos com esses três contos tivemos como principal objetivo possibilitar que as crianças atentassem para as marcas do gênero descritas no parágrafo anterior, tendo um retorno bastante satisfatório por parte dos alunos envolvidos, uma vez que sempre que questionados boa parte do grupo de trabalho soube responder com propriedade perguntas sobre as características do gênero conto.

É muito importante a delimitação de um gênero a ser trabalhado, para que o mesmo possa ser estudado a fundo, de modo que as crianças aprendam-no eficazmente. Deve-lhes possibilitar uma familiarização com o tipo textual, levando os estudantes – a partir do conhecimento desse gênero e de suas características – a diferenciá-lo de outros gêneros. E dessa feita, escrevam textos atendendo as suas características gerais para que, em conformidade com Tfouni (2006), “o sujeito seja capaz de utilizar as ferramentas da leitura e da escrita nas mais variadas situações do cotidiano tanto dentro como fora de sala de aula”.

À medida que cada conto foi trabalhado pudemos aprofundar cada vez mais sobre suas características e marcas. Após o exercício de leitura dos contos partimos para a produção das próprias crianças, exercício que foi bastante proveitoso por parte das mesmas. Em suas produções iniciais os alunos puderam escrever seus próprios contos ou fazer relatos dos contos lidos durante as aulas, dando suas versões e visões a personagens, enredo e até mesmo desfecho das histórias.

De acordo com a proposta modular da sequência didática adotada, depois de escritas as primeiras versões dos textos, as crianças puderam ler e reler suas produções no papel de interlocutor, analisando criticamente os textos produzidos, e anotando possíveis correções a serem realizadas. Após essas possíveis correções novamente tivemos um momento de leitura, entretanto nesse momento as crianças leram as produções dos colegas de sala, e mais uma vez fazendo a análise crítica das mesmas e dando sugestões que julgassem necessárias no papel de interlocutores dos textos.

Após esse momento, as crianças partiram para suas produções finais, reescreveram seus textos com a análise de todos os aspectos mencionados, e puderam assim perceber que o exercício de escrita e reescrita é bastante importante, que a primeira versão de um texto, por mais que acreditem que seja satisfatório, não está pronto e acabado, a releitura e reescrita pode ajudar a melhorar suas produções de modo a torná-las adequadas à esfera de circulação a qual são destinadas.

5. Resultados

No decorrer do projeto foi possível perceber consideravelmente avanço no que se refere às produções de texto das crianças, mesmo com certa resistência no início das aulas, nas quais houve mais aceitação e participação de praticamente todos os estudantes do grupo de trabalho. Pudemos evidenciar também o desenvolvimento do saber dessas crianças, num processo contínuo e significativo, onde durante o semestre trabalhamos com uma sequência didática com o gênero conto.

Na SQ, com o gênero conto, as crianças puderam entender melhor o gênero, de modo que conseguiram se adequar ao tema a partir das explanações e leituras feitas no decorrer das aulas. Posteriormente os educandos puderam produzir seus próprios contos, sendo uma forma de fixação bastante eficaz do gênero, após a escrita dos contos, novamente os próprios estudantes fizeram as correções de possíveis erros em seus contos, tornando-se sujeitos mais críticos de sua própria escrita, e sempre a considerar o papel do interlocutor (leitor) de seus contos, após a correção foi feita uma troca em sala de aula dos contos, onde os estudantes tiveram a oportunidade de ler e dar sugestões sobre o conto do colega de turma, momento também muito proveitoso devido à participação ativa de praticamente todo grupo de trabalho, e além das crianças saberem como falar dos contos dos colegas, souberam também ouvir o que cada um tinha a dizer de suas próprias produções.

Conclusão

Como podemos observar, a sequência didática mostra-se como uma alternativa bastante eficaz para o pleno aprendizado de um determinado gênero, através de seu processo sistemático que busca proporcionar o domínio do mesmo. A partir das etapas de produção e reprodução de textos, as crianças puderam perceber que suas redações não constam de atividades prontas, sem possibilidade de análise de deslizos nelas presentes. Dessa forma, elas notaram a importância de uma releitura da produção depois de acabada, não como apenas autores, mas dessa vez, no papel de corretores, tendo como responsabilidade avaliar e analisar seus próprios textos quanto a noções de coesão e coerência, ortografia, concordância, além das principais características do gênero, dando maior ênfase aos aspectos normativos, talvez por esses serem mais visíveis no texto, ou mesmo por serem os únicos mecanismos trabalhados pela docente em sala de aula, quando, no entanto, deveriam ser considerados também os aspectos cognitivo e sociodiscursivos relacionados à finalidade e ao destinatário.

Referências bibliográficas

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*, 1999. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.
DOLZ, Joaquim. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado Letras, 2004.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KAUFMAN, A.H. e RODRIQUEZ, M. E. **Escola da leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEAL, T. F. BRANDÃO, A. C.P. (Org.). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1. 2006

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das letras, p. 95-128. 2004.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ANEXOS

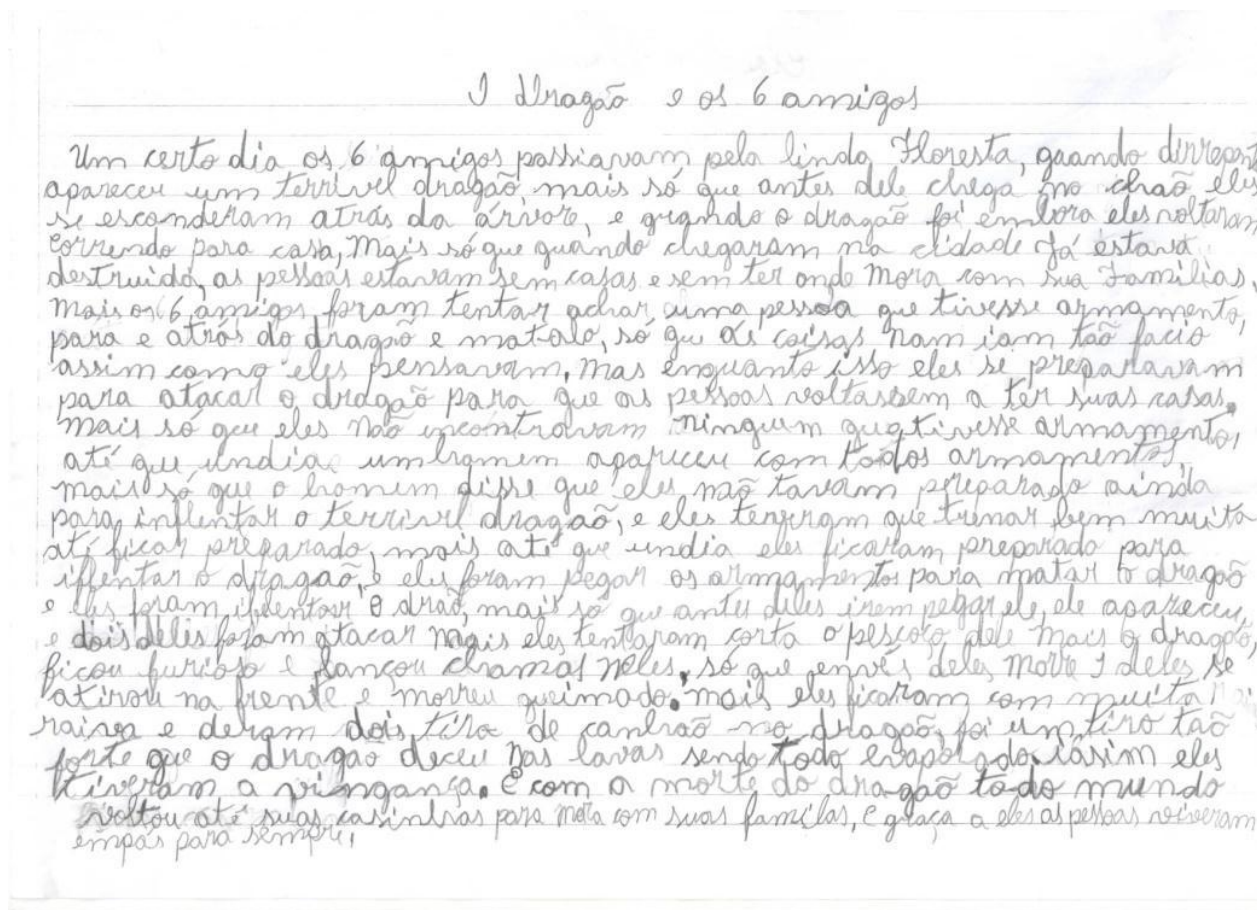


Figura 1 - Produção do aluno X durante o andamento dos módulos da SQ